

“Manutenção do Patrimônio Azulejar” – Conservação e Restauro de Azulejos
Cerâmicos

Moreira, F.

Gibo, R.M.

Av. José Odorizzi, 1555 – cep 09861 – 000 – São Bernardo do Campo – SP

docceramica116@sp.senai.br

SENAI Mario Amato

Resumo

O objetivo deste trabalho é relatar uma experiência vivenciada em um programa de capacitação sobre conservação e restauro de azulejos cerâmicos realizado no Cencal – Centro de formação profissional para a Indústria de cerâmica em Caldas da Rainha - Portugal. O curso não só apresentou noções sobre a História da azulejaria tradicional Portuguesa, processo cerâmico, técnicas de restauro em azulejos e preparação de parede-suporte, como também procurou enfatizar a importância de conservar e resgatar as questões culturais que estão envolvidas em patrimônios que necessitam passar por intervenções de restauro, além de promover discussões sobre quando e como o restaurador deve intervir em um painel de azulejos. As pesquisas teóricas foram complementadas com visitas de estudo a vários pontos do país onde existe um importante espólio azulejar em fachadas ou interiores de monumentos nacionais.

Palavras - chave: Conservação, restauro, azulejos cerâmicos, diagnóstico, remoção de azulejos, tratamento de parede-suporte, argamassas, assentamento.

INTRODUÇÃO

O SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial em um convênio firmado com a AESC Associação Espírito Santo Cultura, uma fundação luso-brasileira com sede no Rio de Janeiro promoveram entre os dias 31 de Agosto e 30 de Setembro de 2009 através do CENCAL um curso de “MANUTENÇÃO DO PATRIMÓNIO AZULEJAR” com vista a preparar e formar um conjunto de oito formandos brasileiros a trabalharem como formadores na recuperação e tratamento de patrimônios existente no Brasil que necessitem passar por processo de intervenção de restauro.

O CENCAL (Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica) é uma conhecida instituição de formação e de apoio técnico-pedagógico, sediada em Caldas da Rainha e direcionada para o setor da indústria cerâmica portuguesa. O CENCAL simula uma pequena indústria de cerâmica. Os alunos acompanham todo o processo de fabricação, desde a modelação até a queima e, por fim, a pintura. A instituição tem ainda, capacidade para receber e hospedar cerca de 500 alunos de outras cidades. Em suas instalações estão refeitório, sala de convívio, sala de estudo, biblioteca, quadra poliesportiva e salas para afetividades culturais.

Ao receber em seus cursos jovens à procura do primeiro emprego ou profissionais em busca da formação contínua, o CENCAL tem dado apoio fundamental a este importante setor da economia nacional, com particular atenção à cerâmica criativa. São organizados periodicamente workshops e seminários, além de projetos desenvolvidos em parceria com artistas, pesquisadores, designers e técnicos vindos de vários países.

O curso de conservação e restauro teve duração de um mês totalizando 154 horas de estudo e foi composto por 7 módulos: higiene e segurança no trabalho, história da azulejaria tradicional Portuguesa, processo cerâmico, noções de restauro de azulejo, diagnóstico, remoção e tratamento de parede-

suporte, argamassas, assentamento, acabamento, juntas e complementação com visitas de estudo à monumentos nacionais.

O objetivo deste curso é desenvolver no profissional a capacidade de sensibilizar pessoas quanto à importância de conservar painéis em azulejo degradado ou em vias de degradação, estar preparado para atuar de modo a preservar o patrimônio cerâmico, diagnosticando os problemas, preparando os azulejos, saneando os suportes e procedendo a sua recolocação de forma segura e adequada e que preserve a integridade física e histórica do azulejo e conseqüentemente do painel de azulejos. As funções de um profissional de restauro são: Analisar e avaliar a forma correta de agir in situ; diagnosticar problemas; Mapear, identificar, fotografar; proteger, preparar, e remover argamassas dos azulejos; encaminhar os azulejos para o restauro ou zona protegida; Tratar as paredes suporte; recolocar os azulejos na ordem original, conforme processos e métodos tradicionais.

MATERIAIS E MÉTODOS

História da azulejaria Portuguesa

O revestimento cerâmico, mais conhecido como azulejaria, surgiu há 4.000 anos no Oriente. A palavra azulejo deriva do termo árabe “al zulej” que significa pequena pedra lisa e polida. São placas de barro cozido, quadradas e com uma de suas faces vidrada, que geralmente apresenta um desenho completo ou parte dele.

Os árabes foram os responsáveis por introduzir o uso do revestimento cerâmico na Península Ibérica a partir do século VIII. Em Portugal, os azulejos foram amplamente utilizados entre os séculos XV e XIX, tanto em expressões artísticas como industriais. A técnica acompanhou o desenvolvimento cultural e econômico do país, tornando-se uma arte transversal à sociedade portuguesa.

Portugal não criou, mas reinventou o uso do revestimento cerâmico, atribuindo-lhe capacidade de comunicação, não só pelas narrativas pintadas nos azulejos, mas também pelo intercâmbio artístico e comercial, como Itália, Espanha, França e Turquia, países onde a técnica também foi amplamente difundida.

Em Portugal o Azulejo é uma arte profundamente enraizada. Mesmo não sendo uma criação ou invenção Portuguesa, de alguma forma, foi reinventada pelos Portugueses, que lhe atribuíram novas possibilidades de utilização e comunicação.

A capacidade de comunicar é precisamente uma das características do azulejo, não só através das narrativas que lhe são pintadas ou das suas simbologias, mas também pela circulação de técnicas de produção, pintura e trocas comerciais que se geraram no eixo Mediterrâneo (Itália, Marrocos, Espanha, França, Turquia) e no eixo do Atlântico com os países baixos e Portugal.

Foi no século XV que, iniciou-se o processo de importação de azulejos de centros de produção de Sevilla.

Em algumas cidades portuguesas o uso dos azulejos se sobrepôs a outras técnicas de arquitetura e decoração, por ser mais resistente e higiênico, e por ter mais variedade e beleza. Mas o seu sucesso só foi possível graças ao apoio da economia portuguesa, que soube responder ao aumento da demanda com a construção de novas fábricas em diferentes localidades.

Eram produzidos azulejos para todos os gostos e classes sociais. Durante as visitas técnicas foi observado o uso dos azulejos em igrejas, museus, monumentos, balaustradas, estatuetas, teatros, hospitais, estações de trem, estabelecimentos comerciais, restaurantes e cafés.

Diversas casas de pequenas freguesias do interior de Portugal também apresentam fachadas e interiores completamente revestidos com azulejos. Esta “moda” começou na segunda metade do século XIX, quando imigrantes portugueses voltaram à sua terra natal e, para mostrar riqueza e prosperidade, investiram suas poupanças nas construções de suas residências, utilizando a cerâmica como elemento de decoração.

Percorrendo Portugal, pode-se dizer que suas ruas são um autêntico “museu vivo do azulejo”, ilustrando o gosto de uma época histórica.

Processo de fabricação - fabricação dos azulejos e técnicas de decoração

A fabricação do azulejo tradicional era feita pelo processo de biqueima. Após a preparação da pasta argilosa que preferencialmente deve ser adquirida com massa de faiança passa-se para o processo de modelagem.

Faz-se a placa cerâmica com auxílio de um rolo, onde por pressão espalha-se a massa, que por sua vez atinge espessura ideal com o auxílio de réguas que servem como guias.

Com o auxílio de um molde cortante, corta-se o azulejo com dimensões já definidas. Após esta operação retiram-se as rebarbas e os azulejos passam por um processo de secagem. As peças cruas são colocadas em suportes lisos (estrados de madeiras) e são inicialmente secas à temperatura ambiente e com pesos para que não empenem.

O controle de secagem nesta fase é muito importante, pois os empenos por descuido são muito freqüentes. Assim deve-se sempre com o auxílio de uma ferramenta lisa e de dimensões superiores as do azulejo, fazer pressão para manter a peça reta. Após a secagem em temperatura ambiente, as peças devem ser secas em estufa a temperatura de 110°C, durante um período de 24 horas.

A queima é feita em fornos intermitentes e as peças são armazenadas em gavetas refratárias, que são queimadas á temperatura de 1050°C.

Após a queima do biscoito, o azulejo está pronto para receber a camada de vidrado. A operação de vidração pode ser efetuada por várias formas: imersão, pincelado com trincha ou por cortina. A mais simples e utilizada é a técnica da vidração por cortina.

A fase seguinte é a decoração da peça, que é feita com óxidos corantes ou tintas das cores pretendidas. Geralmente os azulejos novos que são inseridos no restauro, são feitos pela técnica de transposição do desenho. Esta técnica consiste em obter um registro do desenho original, e transpor através de papel vegetal. É realizada a picotagem de todas as linhas de contorno do papel

vegetal, e após esta operação utiliza-se uma boneca contendo pó de carvão ou grafite, com o propósito de fazer uma ligeira marcação no azulejo que já está com a base de vidrado. Esta marcação servirá de guia para a próxima etapa que é a pintura. Na pintura, primeiro faz-se o contorno dos desenhos com pincel e depois é realizado o preenchimento e os sombreados, em seguida o azulejo é submetido a segunda queima.

Quanto ao processo de fabricação dos azulejos, estes foram desenvolvendo-se ao longo da história. O primeiro modelo de azulejos que foi inserido em Portugal foi o Alicatado. Este modelo de azulejo consistia no recorte a alicate de placas vidradas de barro, de cor chapada, e apresenta um efeito de painel colorido com desenhos geométricos. Os desenhos faziam parte da corrente estética hispano-mourisca, onde era muito comum apresentar uma estrela islâmica que se entrelaça e se repete em esquemas geométricos radicais formando um padrão.

No século XVI, a técnica utilizada é a técnica da aresta que consistia na impressão em barro fresco através de uma matriz de madeira ou metal. A técnica de aresta poderia ser associada à de “corda-seca”, porém a diferença é que as cores eram separadas por uma gordura que era colocada no contorno dos desenhos e isso evitava a mistura das cores na queima. Esta técnica produzia azulejos de texturas marcadas, cores intensas e esmaltados.

No século XVII dá-se um abandono do azulejo de aresta. Passa-se a utilizar a técnica de majólica, que foi responsável pela grande evolução na expressão ornamental da azulejaria. Com criação Italiana, permitia pintar a pincel sobre azulejo cozido, que depois era coberto com um esmalte transparente. As capacidades narrativas e de utilização da cor naturalmente se caracterizam pela preferência das pessoas que faziam as encomendas e também por influência dos artistas do século XVI.

A passagem para a fase do “azul e branco” está relacionada a dois motivos: a difusão da porcelana chinesa na Europa e, principalmente em Portugal onde a conotação do luxo com o oriente foi sempre particularmente intensa, e a importação de azulejos holandeses. A importação holandesa permitiu aos

portugueses o conhecimento técnico de fabricação e de pintura além da erudição e academismo presente nas temáticas pintadas nos painéis.

No século XIX iniciou-se uma nova técnica que é a estampagem mecânica, porém nessa fase usou-se uma mistura de técnicas como a volta dos azulejos do tipo alto relevo que poderia ser feito manualmente por pressão direta dos dedos ou feitas por prensagem mecânica, no caso molde e contra-molde.

Em 1744 com o terremoto em Portugal, houve uma grande preocupação em reconstituir rapidamente o país, neste período foram utilizados muitos azulejos denominados estilo padrão, que eram geralmente motivos geométricos e nesta fase utilizou-se muita mão-de-obra de jovens aprendizes, e por isso, nota-se em algumas peças de mesmo modelo a diferença em relação a pinceladas. Ainda neste período aparecem alguns azulejos que apresentam características de desenhos infantis como flores e animais.

Metodologia para restauração: Diagnóstico, análise e conservação

Existem algumas terminologias utilizadas nos processos de conservação e restauro como:

Conservação: a palavra conservação significa: CONSERVATIO + CUM (Continuidade) + SERVATIO (Salvar)

Conservação indireta ou Preventiva: Não atua na estrutura física do azulejo. Analisa os fatores de deteriorização, faz o controle das condições ambientais, faz intervenções sobre o ambiente, controla o estado de conservação, faz manutenção cotidiana.

Conservação direta: Exerce ação sobre a estrutura física do objeto. Ação curativa, tratamento ao nível da estrutura física como é o caso da consolidação. A prática da consolidação reforça a estrutura ou o corpo do azulejo, oferecendo consistência e resistência aos materiais constituintes.

Restauro ou Intervenção Direta: é uma prática com a finalidade de restituir ou melhorar a leitura da sua imagem. Restabelecimento da sua unidade potencial, caso se tenha perdido ou deteriorado, para que o azulejo ou o painel continue existindo como objeto capaz de produzir experiências estéticas, sempre que possível, sem recorrer a alterações ou falsificações da sua natureza documental.

A restauração está diretamente ligada a história, por esse motivo é necessário obter informações concretas e verdadeiras em relação ao objeto para que os procedimentos adotados sejam os mais indicados para aquele caso.

Atualmente as intervenções de restauro seguem uma metodologia específica e rigorosa, acompanhada de pesquisas e investigações laboratoriais. Uma boa restauração deve ser bem planejada, e como primeiro procedimento adota-se um diagnóstico preliminar, para avaliar as reais condições dos azulejos.

No diagnóstico prévio, avaliam-se as seguintes informações dos azulejos: riscos de se soltarem da parede-suporte ou se alguns já estão soltos, neste último caso deve se pensar em como serão acomodados.

Nesta fase do projeto faz-se cálculo de custos, quais os tipos de intervenções que serão realizadas, se a frio ou a quente, e os produtos que serão utilizados para limpeza dos azulejos em função das patologias. Esta fase deve ser bem estudada a fim de montar uma equipe bem preparada para o trabalho prático.

O diagnóstico deve ser sempre complementado com registros fotográficos, que permitam marcar situações como: marcação das patologias apresentadas e falta de azulejos. Geralmente no diagnóstico observa-se:

- Desprendimento dos azulejos: geralmente é consequência do efeito de contração e dilatação do suporte que origina deslocamentos, da expansão por umidade dos azulejos, da precipitação de sais, da descontinuidade entre o tardo do azulejo e argamassa de assentamento e também por deficiências da própria argamassa.
- Fissuras no azulejo: fissuras sem orientação definida, finas e com distribuição por todo o painel, geralmente são ocasionadas por movimentos diferenciais dos azulejos e das argamassas de assentamento e do suporte. Já a fissura orientada e bem definida, resulta normalmente de problemas relacionados com movimentos diferenciais entre massa e vidrado juntamente com problemas da estrutura em geral.
- Desprendimento do vidrado: o desprendimento do vidrado que pode se observar em todo o painel ou em zonas específicas pode ser resultado de

efeitos de produção, acordo massa-vidrado, resultado da expansão natural dos materiais cerâmicos, formação de bandas salinas que em alguns casos é consequência do vidrado em zonas próximas ao solo que contém concentrações elevadas de sais dissolvidos, deslocamento do vidrado em todo o painel com aparecimento de eflorescências que pode ser resultado da utilização de argamassa não isenta de sais.

Quanto às manchas, é muito comum encontrá-las em situações associadas a: micro climas úmidos com aparecimento de algas ou fungos, sendo que estes podem ser provenientes de ambientes onde há entrada de água intensa no interior das paredes de suporte, exposição a ação antrópica, que por toque deixa manchas de gordura escurecidas por partículas de pó, ambientes muito poluídos dando origem à formação de crostas negras, escorrimento de produtos de limpeza ou produtos de restauro empregues sem os cuidados necessários.

Após o diagnóstico, são realizadas análises de laboratório que devem ser realizadas por técnicos especializados, a fim de obter informações para que se proponha tratamento adequado ao processo de conservação e restauro. As análises são as seguintes: composição química do vidrado; composição química do biscoito; composição mineralógica do biscoito; porosidade do biscoito; composição química das argamassas; porosidade das argamassas; texturas das argamassas; composição química dos sais. O conhecimento destes resultados permite nomeadamente obter dados para conhecer patologias, produzir biscoitos e vidrados idênticos aos existentes, conhecer os estado dos suportes, e prevenir futuras degradações.

Quando um painel de azulejos sofre algum processo de intervenção, as peças que serão retiradas da parede-suporte precisam ser identificadas e catalogadas, para que posteriormente durante a fixação as mesmas permaneçam na ordem original ao qual pertencem.

Quando se trata de painéis de azulejos, cada peça que compõe aquele painel representa um caso, e elas são avaliadas e tratadas separadamente.

Após o tratamento dos azulejos, é realizado um diagnóstico e tratamento da parede-suporte, a fim de analisar os procedimentos adequados em relação as remoções de massas, proteção de azulejos que não foram removidos, análise de infiltrações, fissuras e etc. Após o processo de limpeza de argamassas velhas é, analisada a necessidade de se fazer uma intervenção estrutural no suporte, como molduras de ferro ou algo similar que seja resistente após a fixação dos azulejos.

Antes do assentamento é necessário pesquisar os tipos de argamassas existentes naquela época para fixação dos azulejos. Na maioria dos casos as argamassas utilizadas são as intituladas tradicionais (cal hidratada e areia).

O assentamento é uma das etapas de extrema importância durante o processo de restauração, pois exige do assentador organização, higiene, cuidados com segurança e habilidade para manusear e aplicar os azulejos de forma correta.

Toda intervenção de restauro deve ser executada de forma reversível, para que não comprometa a integridade física do objeto.

As replicas também podem ser utilizadas na tentativa de resgatar os valores culturais que estão associados por traz de um painel de azulejos que está em fase de degradação. Porém a réplica só é bem aceita caso exista algum registro histórico da originalidade daquele painel, não se pode inventar ou tentar imaginar como era o desenho que faz falta no painel. As réplicas não são consideradas restaurações, uma vez que são peças novas.

Função dos produtos utilizados nos processos de conservação e restauro

A fase de tratamento das patologias tanto do azulejo quanto do suporte compreende a utilização correta de alguns materiais nos processos de limpeza. Os mais comuns são:

Processo de limpeza do azulejo para clarear e retirar manchas: Acetona é utilizada como solvente de produtos orgânicos e como agente de limpeza para eliminação de consolidantes e vernizes. Álcool como solvente de produtos orgânicos.

Processo de limpeza do suporte: Aplicação de uma mistura feita a base de água e biocida, que deve reunir a capacidade de desinfetante, fungicida e bactericida.

Processo de disselanização: A disselanização consiste na remoção dos sais das peças. Essa operação pode ser efetuada de várias formas sendo a mais comum, por imersão em água deionizada. Este banho deve ser mudado com frequência (uma ou duas vezes por dia) e os azulejos devem ser limpos com um pano ou escova antes de cada mudança ou uma vez por dia. O controle de sais deve ser pelo menos feito em condutivímetro, caso não haja condições analíticas mais sofisticadas. Desta forma, quando os valores de condutividade, medidos na água de imersão dos azulejos, atingirem valores da ordem 200mc/s deve-se proceder a mudança de água, quando os valores estabilizarem abaixo dos 50 mc/s considera-se terminada a extração de sais.

Colagens de azulejos: Deve-se utilizar acetona para limpeza das partes a serem coladas e utilizar um adesivo celulósico.

Processo de reintegração pictórica a frio: Tintas acrílicas, onde a mesma proporciona um filme homogêneo aderente e flexível, apresentando um brilho intenso e é solúvel em água. POLAROIDE B72 ou ACRYLOIDE B72 é utilizado como adesivo ou verniz.

Processo de preenchimento do biscoito: MILLIPUT é aplicado como pasta de modelação, enchimento de moldes e como pasta de preenchimento de lacunas. Pode ser utilizada em madeira, cerâmica, plásticos, vidros, metais entre outros.

Visitas de complementação de estudo

Vila de Óbidos: As origens da Vila diluem-se um pouco no passado. Supõe-se ter sido habitada desde remotas eras, com base em achados arqueológicos da estação do Outeiro da Assenta. Há historiadores que atribuem a fundação aos Turdulos e Celtas por volta do ano 308 a.C., que protegiam com fortes muralhas. O nome da Vila parece derivar das palavras latinas 'OB-ID-OS', em virtude de ter existido em tempos um braço de mar que chegava à Vila, sendo

porém contestada tal etimologia, defendendo-se a hipótese de ter sido edificada sobre os alicerces de um 'OPPIDUM' luso-romano.

Museu de Aveiro (Santa Joana Princesa): Ocupa o Mosteiro de Jesus, convento feminino fundado em 1458 como modesta reclusão. A presença entre as religiosas da Princesa D. Joana, filha do Rei D. Afonso V, a partir de 1472, levou ao engrandecimento do mosteiro que, nos três séculos seguintes, sofreu sucessivas reformas e construções. A igreja de Jesus, com rica talha dourada e azulejos, o túmulo da Princesa, obra prima do barroco, o claustro (sécs. XV/XVI) e o refeitório, de paredes revestidas a azulejo e graciosa tribuna de leitura, são estruturas conventuais integradas no Museu. Importante coleção de arte barroca portuguesa (sécs. XVII/XVIII). Escultura, talha, paramentaria e ourivesaria. Pintura portuguesa dos sécs. XV a XVIII, com destaque para o retrato da Princesa Santa Joana.

Ateliê de Restauro em Ovar: Tem como objetivo primordial a preservação do patrimônio edificado de Ovar, nas suas varias vertentes e alertar para a importância – pela quantidade e variedade – da sua componente cerâmica, incidindo, sobretudo, no azulejo de fachada.

Mosteiro de Santa Clara: situa-se em Coimbra, na margem esquerda do Mondego, perto da Baixa da cidade. Foi mandado construir por D. Isabel de Aragão, em 1314, no local do primitivo núcleo de monjas clarissas fundado em 1283 por D. Mor Dias. Este templo inscreve-se pela sua importância enquanto estaleiro-escola, numa conjuntura de gradual influência e aceitação dos Franciscanos na corte e na sociedade em geral: a rainha D. Isabel era particularmente dedicada à Ordem, ingressando depois de viúva na Ordem Terceira de São Francisco e fazendo-se sepultar numa magnífica arca feral neste mesmo Mosteiro.

Museu Monográfico e Ruínas de Conimbriga: A evidência arqueológica revela-nos que Conimbriga foi habitada, pelo menos, entre o séc. IX a.C. e Sécs. VII-VIII, da nossa era. Quando os Romanos chegaram, na segunda metade do séc. I a.C., Conimbriga era um povoado florescente. Graças à paz estabelecida na Lusitania operou-se uma rápida romanização da população indígena e Conimbriga tornou-se uma próspera cidade. Seguindo a profunda

crise política e administrativa do Império, Conimbriga sofreu as consequências das invasões bárbaras. Em 465 e em 468 os Suevos capturaram e saquearam parcialmente a cidade, levando a que, paulatinamente, esta fosse abandonada. Conimbriga corresponde atualmente a uma área consagrada como monumento nacional, definida por decreto em 1910.

Quinta do Pinheiro: É um Hotel Rural, onde destaca-se pela sua envolvimento natural, aliada a arte do Mestre Ceramista Ferreira da Silva, cujas obras são possíveis de serem admiradas por todos os espaços.

Palácio Marquês de Fronteira: em Lisboa, foi construído em 1640 como pavilhão de caça para D. João de Mascarenhas, o primeiro marquês de Fronteira. Apesar de alguns prédios altos serem visíveis à distância, continua a ocupar um lugar tranquilo, à beira do Parque Florestal de Monsanto. A casa e o jardim têm belos azulejos cujos temas vão desde as batalhas a macacos que tocam trombetas. Embora o palácio ainda seja ocupado pelo 12º marquês, algumas das salas, a biblioteca e o jardim podem ser visitados. A Sala das Batalhas tem belos painéis com cenas da Guerra da Restauração e um pormenor de João de Fronteira que combate um general espanhol. Foi a sua lealdade a D. Pedro II, durante esse conflito, que o fez ganhar o título de marquês.

Museu Nacional do Azulejo: É um dos mais singulares museus de Portugal, pela sua coleção de uma das expressões referenciais da cultura artística portuguesa, o edifício onde está instalado, o convento da Madre de Deus, é a maior obra da arquitetura religiosa e das artes decorativas em Portugal. A exposição permanente nos dá o conhecimento da longa história deste material de revestimento arquitetônico em Portugal, entre o século XV e a contemporaneidade, tanto nas suas expressões artesanais dominantes até as primeiras décadas do século XIX.

Convento de Cristo: Constitui uma unidade histórica e artística, onde é possível encontrar os estilos arquitetônicos experimentados em Portugal, entre séculos XII e XVIII, mas é o mais significativo testemunho de um gótico final a que, pela exuberância única da sua decoração, se convencionou chamar manuelino.

Ateliê de Restauro João Moreira: Ateliê de trabalhos de Conservação, Restauro e Réplicas de Azulejos, onde em nossa visita o Mestre João Moreira pôde apresentar e explicar os processos de fabricação de suas obras.

Museu de Cerâmica: localiza-se na Quinta Visconde de Sacavém, na freguesia de Nossa Senhora do Pópulo, cidade e Concelho das Caldas da Rainha, Distrito de Leiria, em Portugal. Criado oficialmente em 1983, o imóvel onde se encontra instalado foi mandado construir na década de 1890 pelo 2º visconde de Sacavém, José Joaquim Pinto da Silva, coleccionador, ceramista e mecenas dos ceramistas caldenses. No recinto da Quinta, funcionou entre 1892 e 1896, o Atelier Cerâmico, dirigido pelo escultor austríaco Josef Füller.

O conjunto arquitectónico da Quinta, em estilo romântico revivalista, é constituído por um Palacete tardo-romântico, que abriga a exposição permanente, e por um edifício secundário onde se situam a sala de exposições temporárias, a loja, a olaria e o centro de documentação.

Os jardins da Quinta, de traçado romântico, constituem um conjunto evocativo do gosto do final do século XIX com as suas alamedas, canteiros, floreiras, lagos e um auditório ao ar livre.

As colecções do Museu são representativas de centros cerâmicos nacionais e estrangeiros, destacando-se na produção de Caldas da Rainha o núcleo de peças da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro, um dos conjuntos mais representativos da produção do grande mestre caldense e que documenta a laboração da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, entre 1884 e 1905.

Estão também integradas nestas colecções um núcleo de faianças da Fábrica do Rato (1767 - 1779), um núcleo de olaria tradicional, um núcleo de produção local de escultura e miniatura, e cerâmicas dos séculos XIX e XX, compreendendo um vasto conjunto de produções representativas dos principais centros cerâmicos portugueses e estrangeiros. O núcleo de cerâmica contemporânea de autor inclui, entre outros, peças de Artigas, Llorens Gardy, Júlio Pomar e painéis de azulejos e cerâmicas de Manuel Cargaleiro e de Cecília de Sousa.

Museu do Hospital Termal de Caldas da Rainha: Na região das Caldas da Rainha a presença humana tem raízes longínquas, foi habitada pelos romanos, que deixaram suas marcas civilizacionais e exploraram as águas sulfurosas existentes. As invasões bárbaras e, posteriormente, a reconquista cristã, terão levado à ruína desses banhos. Coube a rainha D. Leonor, mulher de Dom João II e detentora do senhorio das terras de Óbidos desde 1482, proceder a instituição daquele que será o primeiro hospital termal do mundo. As nascentes onde foi erguido o hospital, eram conhecidas no século XIII, como Caldas de Obidos, onde os leprosos e doentes, buscavam a cura para seus males. A criação desta instituição, singular pelo seu caráter inovador na sua organização e nas dinâmicas assistenciais implementadas, teve como conseqüência a formação e afirmação da vila das Caldas da Rainha, a qual se transformará em referencia assistencial e termal ao longo dos cinco séculos subseqüentes à sua fundação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O fim da vida útil de um objeto cerâmico pode ser caracterizado quando este se fragmenta, comprometendo assim a finalidade para o qual este foi desenvolvido. No entanto quando se fala de painéis de azulejos, ainda mais painéis com caráter histórico e ornamental, estes uma vez que necessitem de restauro, podem ser salvos mediante processo metodológico com recursos e técnicas apropriadas.

O restauro data de uma longa história e ao longo dos anos foram usados grande número de procedimentos e materiais diferentes. Antigamente existia uma forte tendência ao restauro excessivo, onde se imperava a falsificação e ou o desconhecido como resultado, hoje se defende o restauro mais honesto e respeitoso por parte dos técnicos devidamente habilitados.

A restauração é algo extremamente complexo e existem profissionais que defendem teses distintas. Existem aqueles que interferem no painel de azulejo de forma reversível com alguns preenchimentos e fazem uma pintura a frio sobre o preenchido, e existem aqueles restauradores que defendem a idéia de intervir o mínimo possível e apenas fazer a limpeza e tratar as patologias necessárias, e preferem mostrar aos espectadores de forma evidente a ação

do tempo no painel de azulejos. Mas ainda existem aqueles que interferem de forma desrespeitosa no painel fazendo preenchimentos inadequados e conseqüentemente alterando não só a originalidade de peça, mas também interferindo na história e no passado da mesma.

Um projeto de restauro pode durar meses ou até mesmo anos, e quando bem realizado este pode durar por muitos anos, porém é necessário fazer intervenções periódicas de manutenção.

A conservação por si só, engloba todas as medidas para salvar um determinado objeto. Aplicar a conservação preventiva é responsabilidade de todos. A conservação e restauro devem ser praticadas de forma a salvar a sua integridade material, controlando todos os fatores de degradação da matéria, promovendo a estabilidade, garantindo assim o respeito pelo seu significado cultural, histórico, estético e artístico.

“O legado histórico e artístico de nossos antepassados só acontece se o conhecermos, o amarmos, o preservarmos e o difundirmos.” (Maria João Bustorff).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FANNING, Janis e JONES, Mike. A Arte e Ofício do Azulejo, Editora Estampa.

MEÇO, José. Azulejaria Portuguesa, Editora Bertrand.

SABO, Rioletta e FALCATO, Jorge Nuno. Azulejos Arte e História, Editora Inapa.

Azulejos – Painéis do séc. XVI ao séc XX – coleção Patrimônio artístico e cultural Santa Casa da Misericórdia

CINTRA, Paulo e CALDAS, Laura Castro. Museu Nacional do Azulejo. Cerâmica Neoclássica em Portugal, Editora Instituto Português de Museus

Temas de Museologia – Plano de Conservação – M/C e IMC

A fábrica das faianças: da fundação a atualidade – Editora Civilização – 2007

"Maintenance of Heritage Tiles" - Conservation and Restoration of Ceramic Tiles

Abstract

The objective of this paper work is to report an experience in a training program about conservation and restoration of ceramic tiles that happened in Cencal - Center of professional formation to the ceramics industry of Caldas da Rainha-Portugal. The course not only provided some knowledge about the history of traditional Portuguese tiles, ceramic process, restoration techniques on tiles and wall preparation-support, but also sought to emphasize the importance of conserving and rescuing the cultural issues that are involved in assets that need to pass by interventions of restoration, and promote discussions on how and when the restorer should act in a tile panel. The theoretical researchs were complemented by study visits to many parts of the country where there are significant collection tile facades or interiors of national monuments.

Key - words: conservation, restoration, ceramic tiles, diagnosis, removal of tiles, wall treatment, support, mortars, settlement.